

Imagens do sertão cearense nas crônicas de Rachel de Queiroz

Images of Ceará in the backwoods of chronic Rachel de Queiroz

Cecília Maria Cunha*

“o nosso romance tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar todo o país. Talvez o seu legado consista menos em tipos, personagens e peripécias do que em certas regiões tornadas literárias, a sequência literária inserindo-se no ambiente, quase se escravizando a ele. Assim, o que se vai formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social. Esta vocação ecológica se manifesta por uma conquista progressiva do território.”

Antonio Candido¹



Resumo

Rachel de Queiroz, uma das mais importantes vozes da moderna crônica brasileira, escreveu por cerca de 77 anos em diversos periódicos. Neste estudo, analiso um aspecto marcante de sua produção cronística que é o seu afeto dedicado ao sertão, especialmente ao sertão cearense. Para tanto, percorro algumas antologias, buscando perceber como a escritora representa em palavras o imaginário sertanejo para o grande público, os seus leitores.

Palavras-chave: Rachel de Queiroz. Crônica. Regionalismo. Sertão.

Abstract

Rachel de Queiroz, one of the major economies voices of modern Brazilian chronic, wrote for about 77 years in various periodicals. In this study, analyze a striking aspect of its production columnist who is your affection dedicated to wilderness, especially the hinterland Ceará. For Tano, some anthologies go, trying to understand the writer is in the words imaginary swing for the general public, their readers.

Keywords: Rachel de Queiroz. Chronic. Regionalism. Backwoods.

Introdução

Em linhas gerais, sabemos que se diz crônica aquele texto que, considerado ameno, agradável, uma espécie de resgate dos aspectos do cotidiano, opina descompromissadamente, revelando uma visão sutil ou de “desimportância” dos acontecimentos. Candido (1993), no seu ensaio “A vida ao rés-do-chão”, afirma

que não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que possam dar o “brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas”. Ou mesmo que nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse; contudo, por ser menor, é que ela fica perto, do leitor. Por estar tão perto do dia-a-dia, ajustada à “sensibilidade de todo dia”, rompe com o monumental, falando perto do nosso modo de

¹ Professora e pesquisadora, mestre em Letras pela UFPB, doutoranda em Teoria da Literatura pela UFSC e autora do livro *Além do amor e das flores: primeiras escritoras cearenses*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008. ceciliacunha@uol.com.br

ser mais natural, a crônica se consolidou enquanto gênero “nosso” nos anos 30, cultivado por um grande número de escritores e jornalistas. Hoje, continua com todo o vigor em revista, jornal ou *Internet*.

Mas será que a crônica tem sua morte antes que acabe o dia, ou naquele instante em que o leitor transforma as páginas em papel de embrulho, ou guarda os recortes que mais lhe interessam num arquivo? Qual o lugar desse tipo de publicação, que oscila entre jornalismo e literatura, na cultura brasileira?

Não tenho a intenção aqui de responder tais questões que necessitam de um amplo leque de diferentes abordagens para os estudos literários. O objetivo deste estudo é procurar afunilar o rol de milhares de crônicas de Rachel de Queiroz na temática que é a marca de seus escritos: o regionalismo, ou seja, que trata especificamente do sertão, dessa topografia nordestina, ou, fechando ainda mais o foco, imagens do sertão cearense.

1 Afinando a conversa

Ao longo da vida, Rachel de Queiroz (1910-2003) deixou sete romances aclamados pela crítica, inúmeras traduções de autores clássicos, peças teatrais, livro infanto-juvenil, memorialismo, adaptações de suas obras para cinema e TV e milhares de crônicas (algumas delas reunidas em 13 livros/coletâneas). Colaborou de forma regular no *Correio da Manhã*, *O Jornal* e *Diário de Notícias*, *Última Hora*, *Jornal do Comércio*, *O Estado de São Paulo* e na revista *O Cruzeiro* por muitas décadas.

Tudo isso teve, naturalmente, um anterior período de formação da escritora.

À Rachel de dezesseis anos, foi entregue, mediante remuneração, a página literária *Jazzband*, do jornal anticlerical *O Ceará*. Sob o pseudônimo, Rita de Queluz, tinha as tarefas de organizar, selecionar colaboradores e escrever crônicas, poemas, artigos. Então, surge a narrativa em folhetim “A história de um nome”, publicação de meados de 1927, vista por alguns críticos como um romance e por outros, como uma novela. Em seguida, ainda sob disfarce, seus textos surgem nas páginas do jornal *O Povo*.² Nestes primeiros escritos de mocinha, Rachel de Queiroz

desenvolveu marcas, reiteramos, da urdidura de sua prosa.³

A partir de 1926, a página *Modernos e Passadistas*, do jornal *O Povo*, configurou-se como ponto de encontro dos autores cearenses e de nomes nacionais: Ronald de Carvalho, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Gilka Machado, Henriqueta Lisboa, Guilherme de Almeida, Raul Bopp, Menotti del Piccia, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, além das participações, menos assíduos, de Oswald de Andrade e de Mário de Andrade.

No Ceará, o ano de 1928 teve como grande acontecimento cultural do Estado a publicação do suplemento literário do jornal *O Povo*: a revista *Maracajá*, “órgão oficial dos novos”. Apesar de ter tido somente dois números, é considerada porta-voz do movimento modernista no Estado; foi distribuída em todo o País. “Rachelzinha” também fazia parte do *grand team*. Essa produção foi sempre renegada pela autora madura. Em meio à larga produção da jovem escritora, havia poemas, falando, por exemplo, de sonho, e merece citação a curiosa publicação, uma espécie de seu “Manifesto Modernista”, citada com a ortografia da época:

Eu canto a alma de minha terra e alma de minha gente.

Canto o meu sol ardente, amoroso e ruivo, que é o mais pessoal e característico de todos os sóes do mundo.

(...) só compreendo e admiro uma manifestação artística quando é espontânea e sincera.

E, sinceramente, espontaneamente, meu coração só pode sentir e cantar o que sente e canta minha raça.

Eis porque sou nacionalista, eis porque dentro de meu nacionalismo inda me estreito mais ao círculo de meu regionalismo.

É que sinto que quanto mais próxima e familiar a paisagem, quanto mais íntimo o motivo de inspiração, quanto mais integrado o artista com o modelo, mais fiel, mais espontânea e sincera será sua interpretação.

Eis porque eu canto o sertão, o sol, o Orós,

² Sobre a produção de sua mocidade, publiquei um artigo. Ver: CUNHA, Cecília Maria. Rachel antes do QUINZE. In.: *Jornal O POVO - Caderno Sábado*, 11/11/95. p. 06.

³ Nos últimos quinze anos, muitos estudos contribuíram para uma maior visibilidade das escritoras, por exemplo, a linha de pesquisa *Mulher e Literatura*, coordenada por Zahidé L. Muzart.

as carnaúbas, o algodão, os seringueiros, os jagunços cantadores e os vaqueiros, a caatinga, a Amazônia, a praça do Ferreira e o Cariry; eis porque canto o presente tumultuoso de minha terra e o seu passado tão curto, tão claro, tão cheio de expansão e vitalidade que é quase um outro presente⁴.

Evidentemente, não se pode dar muito crédito aos escritos e posturas de sua mocidade; considero, porém, ilustrativo esse manifesto por incutir uma reflexão, mesmo que imatura, sobre os seus propósitos como escritora ou jornalista. E esse apego à terra seria uma das marcas de sua escrita no decorrer dos anos. Esses comentários, repito, contribuem para análises que busquem compreender a sua extensa trajetória por quase todo o século XX.

Rachel com dezenove anos lançou o romance, *O Quinze*, em uma edição de mil exemplares, que foi sucesso nacional. Era o final da década de vinte. Para Antonio Candido, esse período é marcante da cultura brasileira pois, “nos decênios de 20 e 30, assistimos ao admirável esforço de construir uma literatura universalmente válida (pela sua participação nos problemas gerais do momento, pela nossa crescente integração nestes problemas) por meio de uma intransigente fidelidade local. (CANDIDO, 1965, p. 151).

E qual o problema que mais afligia ao cearense naquela época? As secas⁵. A recente seca de 1915 foi um dos motivos para que seus pais fossem morar em diversas localidades, como Pará e Rio de Janeiro. Deste modo, as memórias coletivas e familiares que rondavam os seus ouvidos desde a infância (ela nasceu em 1910) a leitura da ampla produção literária que já abordava os flagelos da seca, a observação e a imaginação foram alguns dos componentes para a elaboração ficcional que garantiu reconhecimento imediato da crítica.

Ainda sobre o romance, segundo Arrigucci Jr.:

A novidade de “O Quinze” depende da conversão da personagem feminina em sujeito, e não em objeto da narrativa. O modo como o consegue é a questão. Trata-se de uma virada da perspectiva literária, coadunada a uma profunda mudança

histórica; tem a ver com o horizonte brasileiro no raiai da década de 30, mas não se reduz a isso e tampouco é mera ilustração do processo histórico. O que se tem aqui é a forma artística, particular e concreta, de uma experiência humana complexa, encerrada num meio primitivo, aparentemente afastado de toda civilização (o que não é verdade), no momento da catástrofe climática. Tudo experimentado vivo e expressivamente na prática pela artista: um universo transposto com precisão e coerência ao plano literário (ARRIGUCCI JR. 2001).

Ainda deixo de lado o grupo de autores nordestinos no qual o seu nome é inserido (José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Jorge Amado, Graciliano Ramos) e com os quais também conviveu quando morou em Alagoas e, anos depois, no Rio de Janeiro. Falar dessa geração é grande mão-de-obra que se distancia das intenções dessas anotações.

Rachel foi uma das poucas escritoras que, desde cedo, conquistou sua independência financeira, sendo jornalista, romancista e tradutora⁶. Para Antônio Dimas (1974) a vantagem financeira trazida pela utilização do gênero (a crônica) proporciona aos escritores a estabilidade financeira que não seria, para a grande maioria dos autores, possível somente com a comercialização de livros, e, por este motivo, há um discutível pouco caso com o gênero (assumido por todos, de Drummond a Paulo Mendes Campos). Mas isto não se aplica a Rachel que se considerava antes de tudo uma jornalista, ou melhor, uma cronista, uma jornalista.

Lembro aqui que o crítico inglês John Gledson(2003), ao estudar a prosa ficcional de Machado de Assis, dedica um capítulo ao tratar com a série de crônicas “Bons dias!”. Considera de suma importância que se estude os gêneros ditos “menores” do grande romancista brasileiro; e é com espanto que lamenta o pouco interesse de “estudos sérios” sobre o jornalismo de Machado. Para tanto, justifica: “o motivo muito simples - ou um deles - é que nos faltam os instrumentos para a tarefa: ou seja, o entendimento básico das crônicas em seus significados mais literais”

⁴ Maracajá. Fortaleza, Abril. 1929.

⁵ A seca no Nordeste brasileiro gerou milhares de mortes e surtos migratórios (notadamente nos períodos: 1877-1879; 1915; 1932; 1951-1953; 1958; 1970; e 1979-1984). Também é importante ressaltar que há uma ampla literatura que aborda a questão da seca desde o Romantismo, destaco os romances: *O sertanejo*, de José de Alencar; *Os retirantes*, de José do Patrocínio; *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio, *A fome*, de Rodolfo Teófilo, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

⁶ A escritora sempre gostava de ressaltar que nunca aceitou cargos públicos, como tantos autores. Neste sentido, mantinha-se independente, livre para transitar e escrever.

(p. 136). Como solução, aponta a necessidade de “boas edições das crônicas, fartamente anotadas”. A leitura das crônicas machadianas é, segundo Gledson, muitas vezes, de difícil entendimento, mesmo com estudo de jornais da época, para “verificar a exatidão do texto e entender o contexto” (p.137).

Se a recomendação é válida para os textos cronísticos de Machado, acredito que essa preocupação com o momento histórico da escrita e publicação da crônica seja uma regra para os demais cronistas. Evidentemente, neste ensaio, não é possível investigar todo o contexto que cerca suas crônicas aqui comentadas.

Dito isto, como fazer para analisar as crônicas, esses textos tão despretensiosos? Se há poucos estudos aprofundados que se propõem analisar a crônica, a saída talvez seja investigar os prefácios, as apresentações de seletas, ou publicações avulsas. Para suprir esta lacuna, a própria escritora, no prefácio da seleta de crônicas *Cenas Brasileiras*, um livro dedicado ao público juvenil, esclarece o que é uma crônica:

Eis aí um punhado de crônicas - gênero literário que quase se poderia dizer peculiar à literatura brasileira. Pelo menos, é voz geral que a crônica tal como a fazemos aqui, é realmente coisa nossa.

[...]

Será talvez a crônica o gênero literário mais confessional do mundo. Pois o cronista, quase invariavelmente, tira o tema dos comentários que faz do seu próprio cotidiano, ou assunto do dia no país, na cidade, no seu bairro. Até da sua casa, da sua estante de livros. Quando vêm me importunar com a exigência (que eu detesto) de escrever minhas memórias, a resposta que dou é sempre a mesma: quem quiser saber a biografia, leia as minhas crônicas. Pela data e local de cada uma, já há uma informação. E tudo que comento, que exploro, foi tirado do meu dia-a-dia.

[...]

Também os sentimentos, angústia e esperanças, alvoroços de coração, saudades, perdas, promessas e alegrias, tudo isso aparece na crônica, aberta ou disfarçadamente – compete ao leitor inteligente desvendar nas entrelinhas. Ou constatar a frase aberta. (QUEIROZ, 2003, p.2)

Continuando a leitura do prefácio, ela segue

comentando sobre a diferença entre a crônica e o romance mediante a figura da personagem que “mascara a face do autor”. A predileção da autora pelo gênero confessional e autobiográfico já é assumida, poupando-me de certa forma, de possíveis especulações sobre como a realidade, o mundo da experiência “que passa de pessoa a pessoa”, é fonte de todos os narradores da sua literatura. É esse recorte da sua terra e sua gente que veremos adiante.

2 Conversa leve para assuntos pesados?

Na revista O Cruzeiro, na “Última Página”, Rachel passou a ter um importante espaço, ampliava o seu público leitor que já a acompanhava há muitos anos. Na primeira crônica, de 12 de dezembro de 1945, ela escreve um curioso texto. Cito alguns fragmentos:

Sinto muito, mas francamente lhe devo declarar que não estou de modo nenhum habituada a auditórios de cem mil. Até hoje tenho sido apenas uma autora de romances de modesta tiragem; é verdade que venho há anos freqüentando a minha página de jornal; mas você sabe o que é jornal: metade do público que o compra só lê os telegramas e as notícias de crimes e a outra lê rigorosamente os anúncios. O recheio literário fica em geral piedosamente inédito. E agora, de repente, me atiram pelo Brasil afora em número de 100.000! Não se admire portanto se eu me sinto por ora meio “gôche”.

[...]

Nasci longe e vivo aqui no Rio, mais ou menos como num exílio. Me consolo um pouco pensando que você, sendo no mínimo cem mil, anda espalhado pelo Brasil todo e há de muitas vezes estar perto de onde estou longe; e o que para mim será saudosa lembrança, é para você o pão de cada dia. Seus olhos muitas vezes ambicionarão isto que me deprime, — paisagem demais, montanha demais, panorama, panorama, panorama. Tem dia em que eu dava dez anos de vida por um pedacinho bem árido de caatinga, um riacho seco, um marmeleiral ralo, uma vereda pedregosa, sem nada de arvoredo luxuriante, nem lindos recantos de mar, nem casinhas pitorescas, sem nada deste insolente e barato cenário tropical. Vivo aqui abafada, enjoada de esplendor, gemendo sob a eterna, a humilhante sensação de que estou servindo sem querer como figurante de

um filme colorido.⁷

O texto pode ser dividido em dois momentos. Primeiro quando comenta o triângulo autor-obra-público, proposto por Antonio Candido (1981, p. 53). Essa noção de público, de um auditório “de carne e osso”, escancara-se em seu texto notadamente quando ela fala do casamento, ou melhor, da relação íntima entre a escritora e a diversidade de leitores, o seu “auditório”. O público, aquele que não entende de sociologia, é a pessoa que precisa ser seduzida continuamente com os mais diversos assuntos e técnicas de elaboração textual.⁸ O outro momento, que é o miolo do texto, refere-se à condição de mulher sertaneja “quase exilada” no Rio de Janeiro, cidade onde em 1939 fixou morada para ampliar a sua atuação político/literária, consolidar sua carreira no jornalismo profissional e poder reinventar sua própria vida, após separação, com o novo casamento com o médico Oyama Macedo, apresentado por seu primo Pedro Nava.

De lá, Rachel opta por um posicionamento estratégico como uma autora da “periferia”, marcada por um *ethos* sertanejo: imaginário, costumes, religiosidade, crenças, língua, símbolos. Reiterando: a temática regionalista com seus saberes e sabores foi uma forte constante em suas crônicas, o tratamento com a linguagem, em especial a busca pela oralidade, de um certo modo de falar de sua gente.” Conseguir uma linguagem literária que se aproxime o mais possível da linguagem oral, naturalmente no que a linguagem oral tem de original e espontâneo, e rico, e expressivo. E essa linguagem oral pode ser a fala do nordestino ou gíria de carioca, pode ser qualquer fala de brasileiro que meus ouvidos escutem e apreciem (...) incorporar a linguagem que escuto no meu ambiente nativo, à língua com que ganho a vida nas folhas impressas. Não que o faça por novidade – apenas por necessidade”. (QUEIROZ, 1994, p. 21).

3 Carregando a rede ou escrita de testemunho e afeto

Dito isto, pergunto: Rachel de Queiroz é uma escritora regionalista? Contudo, o que é ser um escritor regionalista? Ora, é sabido que há uma longa tradição na literatura brasileira pela busca de dar

conta da diversidade do país, ou seja, um “instinto de nacionalidade” ou de localidade. Em seu importante estudo *Prosa de Ficção (1870-1920)*, Lúcia Miguel-Pereira (1973), ao introduzir o capítulo sobre regionalismo, escreve:

Se considerarmos regionalista qualquer livro que, intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais, teremos que classificar desse modo a maior parte da nossa ficção. A haver, com efeito, uma constante na nossa literatura, será a da predominância da observação sobre a invenção; pouco inclinados às abstrações, os nossos escritores, ainda os românticos, lidaram de preferência, mais ou menos fielmente, mais ou menos livremente, com a realidade. O seu poder criador precisou sempre, como célula-máter, das sugestões do meio. (...) Para estudar, pois o regionalismo, é mister delimitar-lhe o alcance: só lhe pertencem pelo direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora. (p. 179)

Essa necessidade de pincelar as cores locais permaneceu ao longo do século XIX, agudizou-se nos anos 30, com uma leva de escritores que procuraram renovar a ficção brasileira. Esses autores já citados, além de proporem uma simples viagem turística pelo Brasil, apresentaram criticamente alguns problemas da região Nordeste, como por exemplo, a pobreza, a seca, a questão fundiária, etc.

O regionalismo, segundo a estudiosa, tem seus méritos, beneficia-se de muitas vantagens: própria esquematização narrativa, certo mistério e força sugestiva dos personagens. Acrescente-se que o mergulho na “atmosfera poética criada pela linguagem exótica, pelos ambientes fora do comum, pela mesma simplicidade das criaturas, um caso banal e pode transfigurar, tornar vivo e dramático”⁹. O que me interessa é perceber que nos textos de RQ há uma “espécie de saudosismo de civilizado diante da vida primitiva” e que a opção pelas paisagens nordestinas pode ser uma estratégia para produzir afetos em seus leitores, tornando-os mais receptivos. Enfim: se tantas

⁷ QUEIROZ, Rachel. Última página. O Cruzeiro In.: http://www.releituras.com/racheldequeiroz_cronica1.asp Acesso, 09.11.2004.

⁸ Aqui considero fundamental uma reflexão, mesmo que preliminar, sobre como a literatura pode compensar ou substituir outros saberes, como história, geografia, sociologia, economia etc. Nos excertos de crônicas que falam sobre o sertão isto poderá ser comprovado melhor.

⁹ Cf. MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 187.

vezes ela opta por falar de sua terra como uma saída, talvez seja a menos complexa dentre tantas outras, para uma escrita que se caracteriza pela urgência de ser produzida e degustada e que depende de um jogo de sedução constante entre o escritor e seu possível leitor. Segundo Lúcia Miguel-Pereira (1973):

Surtos regionalistas aparecerão sempre em nossa literatura, que vive repartida entre a sedução intelectual estrangeira e o anseio de se nutrir da cultura popular. No acordo entre o que é nosso e o que importamos estará certamente o mais seguro dos caminhos para ficção. (p. 187)

E como se dá esta tensão nos escritos de Rachel? O “desesperado amor” que sentia e preservava pela terra está presente em todas as situações. Estar ligado visceralmente ao sertão era, costumeiramente, o ponto de partida e ponto de chegada de seus escritos. Está presente não somente enquanto temática, mas também nos procedimentos discursivos, marcados pela aproximação com a fala de sua gente.

Para tratar especificamente de certo regionalismo não se pode deixar de mencionar duas publicações monumentais. Primeira, *Os sertões* (1920), de Euclides da Cunha, que é um desafio constante de leitura pela complexidade da urdidura textual e de tratamento sobre a temática do sertão. Segunda, *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa. Em relação ao romance de Rosa, João Hernesto Weber escreve:

Guimarães inverteu a ótica da escrita. Inverteu a ótica e lógica, diria, do romance de temática agrária tradicional. Não se trata, mais, de alguém da Costa que descreve o sertão, e tenta explicá-lo. Ao contrário, Rosa inventa um narrador em primeira pessoa para contar sua, a de Riobaldo, o narrador, história de vida, com suas lutas, amores, apreensões para um doutor que vem da costa, em passagem pelo sertão que em parte deixara de existir (WEBER, 2006, p.5)

Todavia, qual o sertão de Rachel? Para a polissemia da palavra sertão, em que não pretendo me deter, procuro a contribuição de Walnice Galvão (1986) que está em *As formas do Falso*:

Dá-se o nome de *sertão* a uma vasta e indefinida área do interior do Brasil, que abrange boa parte dos Estados de Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Goiás e

Mato Grosso. É o núcleo central do país. Sua continuidade é dada mais pela forma econômica predominante, que é pecuária extensiva, do que pelas características físicas, como tipo de solo, clima e vegetação. Embora uma das aparências do sertão possa radicalmente ser diferente de outra não muito distante – a caatinga seca ao lado de um luxuriante barranco de rio, o grande sertão rendilhado de suas veredas –, o conjunto delas forma o sertão, que não é uniforme, antes bastante diversificado. (p. 25-26)

Esse sertão tão diverso na obra de Rachel é o sertão cearense. E para situar essa opção localista, retomo novamente a sua primeira crônica publicada na revista **O Cruzeiro**, pois considero que o seu depoimento serve como uma tomada de posição diante da realidade abordada em sua literatura:

Sou uma mulher rústica, muito pegada à terra, muito perto dos bichos, dos negros, dos caboclos, das coisas elementares do chão e do céu. Se você entender de sociologia, dirá que sou uma mulher telúrica; mas não creio que entenda. E assim não resta sequer a compensação de me classificar com uma palavra bem soante.

Nasci longe e vivo aqui no Rio, mais ou menos como num exílio. Me consolo um pouco pensando que você, sendo no mínimo cem mil, anda espalhado pelo Brasil todo e há de muitas vezes estar perto de onde estou longe; e o que para mim será saudosa lembrança, é para você o pão de cada dia. Seus olhos muitas vezes ambicionarão isto que me deprime, — paisagem demais, montanha demais, panorama, panorama, panorama. Tem dia em que eu dava dez anos de vida por um pedacinho bem árido de caatinga, um riacho seco, um marmeleiral ralo, uma vereda pedregosa, sem nada de arvoredos luxuriantes, nem lindos recantos de mar, nem casinhas pitorescas, sem nada deste insolente e barato cenário tropical.¹⁰

Enfim, mesmo sendo uma cidadã carioca, ela sugere estar sempre longe milhares de quilômetros: lá, no sertão. Recordo que Guimarães Rosa, em *Diálogo com Günter Lorenz*, afirmou que é antes de mais nada “homem do sertão”. Cito: “e isto não é apenas uma afirmação biográfica, mas também, e nisto pelo menos eu acredito tão firmemente como você, que ele, esse “homem do sertão” está presente como ponto de partida mais do que qualquer outra coisa.”¹¹ . Tantas vezes os

¹⁰ QUEIROZ, Rachel. Última página. O Cruzeiro . Disponível http://www.releituras.com/racheldequeiroz_cronica1.asp. Acesso em 09 nov. 2004.

seus textos estão falando da paisagem, da flora, dos costumes, dos personagens, dos “causos” etc. O fio de tantos enredos é a realidade efetiva e afetiva do sertão, do Ceará, do Nordeste.

Então, após esse alinhavo de comentários esparsos, passo para uma espécie de passeio panorâmico por alguns livros de crônicas, buscando as imagens sobre o sertão da autora de *O Quinze*.

4 Paisagens e mais conversa

4.1 O livro *A donzela e mouro torta*, de 1948, é a primeira coletânea de crônicas publicada por Rachel. A crônica “Chuvas no Ceará” (escrita em 1944) que consta nesta seleta inicia assim: “Os jornais noticiam que está chovendo no Ceará e que o governo iniciou a distribuição de sementes aos lavradores”. Segue comentando que já completava três anos de seca, e em seguida faz pausa:

A região nordestina flagelada pelas secas é bem grande. Compreende vastas zonas de diversos estados, e, segundo a natureza do local afetado, varia a “interpretação” que a terra dá ao flagelo. Nas zonas mais úmidas do litoral, nos “brejos”, que são a propriedade literária dos meus ilustres colegas José Américo e José Lins do Rego, a seca bate apenas de ricochete; eles vêem somente os bandos de retirantes pedindo esmola, o preço do feijão e da carne que sobe, as soledades magrinhas e líricas que dão pasto à fome amorosas dos moços brancos servem de modelo dos romancistas. (QUEIROZ, 1994, p.20)

Neste parágrafo, a escritora demarca algumas diferenças entre o Nordeste para, em seguida, aprofundar no tema da seca:

Nas regiões de serra, a seca chega até a ser um elemento de beleza. Vai-se com o sol quente a umidade, vão-se os atoleiros, fica apenas o frio sadio, agradável, rico. As flores continuam abrindo, as colheitas não morrem, os olhos-d’água dificilmente secam, e o serrano que tem fazenda lá embaixo “retira” o seu gado para o pasto e a bebida segura dos seus sítios na montanha. Esses também pouco sabem da história (Idem)

Feita uma distinção da geografia entre terras elevadas, segue para o outro lado dessa paisagem:

Mas, por fim, há o sertão. Aí sim, é a pátria da

seca, é o seu domínio, o seu império. Do Cariri aos Inhamuns, do São Francisco ao Parnaíba, ela anda à solta, besta do Apocalipse que o evangelista esqueceu, mãe do cangaço, filha predileta do inferno. Nessa imensa região não existe um único rio permanente, não se avista uma árvore de grande porte, a não ser os juazeiros, que têm pauta com o cão e por isso não morrem, e as umarizeiras e oiticicas, teimosas, que enterram as raízes, como muçus, na terra mais fresca das coroas de riacho. (p. 21)

Uma descrição detalhada é apresentada ao leitor como um testemunho ocular da escritora, que participa e observa:

Vim de lá agora: vi a terra estalhando, vi a catinga morta, o leito dos açudes espelhando ao sol, as cabras roendo a casca do marmeleiro, o sertanejo queimando espinho de mandacaru e xiquexique para dar de comer ao gado; vi tudo isso com estes olhos míopes e aflitos que a terra vai comer – e Deus permita que os coma a terra seca de lá” (Ibidem)

Para dinamizar o texto, temos a presença de um personagem goiano na mesma viagem narrada. O percurso é feito de trem rumo a Quixadá, especificamente para a fazenda de seus pais. O goiano, habitante de áreas fecundas e de águas abundantes, onde os bois morrem afogados, tem dificuldade de entender, como os leitores urbanos ou da costa, o apego à terra:

Mas quando se entra no Ceará a paisagem muda. Conta-se com um novo elemento: o homem. A terra e a catinga são as mesmas, mas o homem luta com elas. Semeia-as de ranchos, de arruados, de taperas. Retalha-as todas de cerca, de ramadas. O goiano olhava atônito aquele xadrez de divisas e perguntava:

– Tanta cerca, guardando o quê?

Guardando o que só Deus sabe. Talvez o orgulho da posse, o direito de morrer ali, a esperança de riqueza futura, “porque a terra é boa, só lhe falta água...” (Idem, p.21)

A situação chega a ser cômica. Como foge à lógica de acumulação capitalista, a narradora exalta a presença humana na terra como diferencial. Evidentemente, RQ, uma ex-comunista, não fazia uma apologia à pobreza do sertão, como algo que deva permanecer. Mas, por outro lado, observo que as descrições e os seus enredos

¹¹ Cf. Dialogando com Guimarães Rosa. In: ROSA, Guimarães. Ficção completa. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

requerem uma visão mais complexa. O êxodo rural foi/ é uma constante ao longo de todo o século, inchando os centros urbanos, transformando a capital cearense, Fortaleza, rapidamente na quinta cidade mais populosa do País.

4.2 Na coletânea de 1958 – *100 crônicas escolhidas* – há crônicas que continuam a informar, descrever, enfim, entreter o leitor com as imagens, tantas vezes exóticas, do sertão do Ceará. Na primeira – “O solitário”¹² –, a escritora traz à tona a história de um homem que morava próximo à fazenda da família.

Prometi outro dia vos contar a história de José Alexandre, o solitário do Junco. No sertão, de vez em quando acontece aparecer alguém assim, inimigo do mundo e dos homens, que rodeia de cerca um pedaço de capoeira ou se afunda no cerrado da caatinga, e vive à moda de lobo solitário, sem amigos, sem amores sem mulher, nem filho. (QUEIROZ, 1977, p. 5).

Segue detalhando as esquisitices desse Zé, que fora soldado na Guerra do Paraguai e que, sem ninguém saber ao certo como, se instalou nas terras da família: “Diziam que vivia nu, que criava gambá, que criava onça”. A crônica chega ao leitor como registro da memória, de testemunho do “ouvir dizer”, e também como registro da experiência da Rachel menina que por uma única vez ficou próxima do misantropo:

Ninguém soube jamais se fora desgosto ou doidice que o levava àquela vida. Falava muita gente, mas sem provas, que ele penava ali por amor de um crime encoberto, que viera esconder-se fugindo aos trinta da sentença. O fato é que, escapando ao castigo, o homem se isolara voluntariamente num retiro mais solitário do que o mais escondido calabouço, pois não tinha sequer a companhia do carcereiro, do guarda, dos outros presos. Em compensação tinha o sol, o mato, o céu, os passarinhos e todos os bichos miúdos da mata (QUEIROZ, 1977, p. 5).

Na fazenda, havia um trabalhador que mantinha relação com o estranho. Trocava grãos (feijão e milho) na calada da noite por sal, fumo, rapadura. Visitas que se davam “de longe em longe”. Quando se prolongou em demasia o espaço das visitas, ninguém se preocupou muito. “Só houve alarme quando levantou urubu no cercado. Meu pai mandou ver o que havia – já não

havia mais quase nada. Só acharam uns farrapos de tanga, o chapéu velho e uns ossos limpos, espalhados por toda parte”. (Ibidem, p. 6)

A estranheza dessa história é uma inquietante. Após defender os interesses da nação em uma guerra, nega toda proposta de civilidade para o isolamento total. O texto comporta muitas análises que poderão apontar para uma abordagem pelo lado político, sociológico ou filosófico.

No mesmo livro, na crônica “O frio conforme a roupa, a roupa conforme o frio”¹³, ela escreve um longo parágrafo mencionando o seu desejo de conhecer o frio de verdade, frio com neve, fogo aceso, agasalho até o nariz, luvas de lã. O frio é requinte para os cearenses, pois “só viajando, gastando dinheiro podemos sentir frio”. Para fazer o contraponto, elabora um comentário sobre o clima cearense:

Poucos lugares do mundo possuem uma estabilidade de clima igual à do Ceará. Se não fora o problema do recato cristão, ou o desejo de ornato, poderia um homem na minha terra nascer, viver oitenta anos, sem jamais sentir a necessidade de um trapo em cima do corpo. E não é que o calor seja tremendo; o sol é quente, mas a ventilação é ininterrupta – todo o Ceará é como uma grande praia varrida incessantemente pelo vento do mar. E, salvo a região das serras, (onde o clima é realmente molhado e frio) a temperatura mantém-se a mesma, o ano todo, suave, seca, com uma aragem agradável soprando constantemente – o doce aracati da hora do crepúsculo, por exemplo. (Ibidem, p. 45)

Mais uma vez aparece o esclarecimento climático para os leitores sulistas. Logo, segue uma crônica muito curiosa: “Um alpendre, uma rede, um açude”. Na metonímia do título, a escritora entra em uma espécie de conversa como leitor para pintar o sertão e seus ingredientes fundamentais:

Claro que esses três são apenas os termos essenciais; o alpendre é o abrigo, a rede o repouso, o açude a garantia de água e vida. Mas fora isso há os componentes – a casa, por exemplo. Fica a cavaleiro alto e, além do alpendre largo de três metros que dê uma boa rede atravessada, tem a sala ladrilhada de tijolos de barro vermelho, com a mesa e os tamboretas; a camarinha com o baú e a outra rede que a gente procura nas horas frias da

¹² A crônica foi publicada em jornal em 1946.

¹³ Publicada em 1947.

madrugada; o corredor e a cozinha, com o fogão de barro ao canto, o pilão deitado e a cantareira dos potes bem fresca, posta na correnteza do ar. (Ibidem, p.47)

O texto propõe um desenho escrito da fazenda não resisto em fazer uma tabela para apresentar os elementos:

<ul style="list-style-type: none"> • Açude pequeno 	<ul style="list-style-type: none"> • Chiqueiro da criação
<p style="text-align: center;">CASA DA FAZENDA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Meia dúzia de cabeças” (cabras e ovelhas)
<ul style="list-style-type: none"> • Dois anzóis: peq. (cará) e outro maior (traíra) • Uma espingarda • Um pau para matar cobra • Caco de enxada, • Um facão • Cuia de tirar leite 	<ul style="list-style-type: none"> • Roçado (Mandioca, feijão e milho) • Casa de Farinha

O esquema proposto na descrição marca os elementos centrais, ou os de mais importância na fazenda, um tipo de propriedade que caracterizava o sertão cearense. É um texto que mimetiza a realidade, que, para o leitor distante, se configura em uma ficção: “Nada mais. Nem trabalho nem ambição. Nem algodoal de colheita rica, nem pomar, nem curral cheio de gado fino. Nem baixio plantado de cana, nem engenho, nem alambique. Logo adiante do terreiro batido o mato cresce por si, sem carecer de plantio nem limpa – Deus o faz nascer em janeiro e o próprio Deus o seca em julho”. (Ibidem, p. 47)

Segundo o texto, o esforço maior é o roçado: limpar, abrir covas, espalhar sementes, apanhar o feijão/milho e quebrar o milho. Para acompanhar o tempo e homem nessa terra, a narradora traça uma espécie de calendário sobre a fazenda e suas transformações. Eis uma síntese:

- Janeiro. Galinhas tiram suas ninhadas; cresce o pasto com o correr das águas; as cabras e a vaca dão cria; se o inverno for bom, o açude sangra, e haverá muito peixe;
- Maio. As flores perfumam os campos;
- Junho. Se quebra o milho e a floração do pau-d’arco;

- Agosto. O mato perde a folha;
- Setembro. O mato forma um tapete quebradiço no chão;

Para os meses seguintes:

Daí por diante, com a caatinga seca, o mato cor de cinza na terra cor de cinza por baixo do céu limpo e azul, começa a grande paz do verão.

Os bichos pastam no capim seco e vêm beber pacificamente, sempre no mesmo lugar e a horas certas. A rede no alpendre balançando e refresca a quentura do mormaço e recebe a gente no colo, maternalmente. (Ibidem, p.48)

A crônica é um texto documental de uma época. Há ainda ruínas dessa história, desse modo de vida familiar no interior do sertão. Em outra crônica, “Fazenda velha e açude”, da mesma coletânea, ela escreve para responder aos apelos de leitores que pedem para que ela fale sobre como é uma fazenda e um açude. Lembra, primeiro, que o açude é o núcleo da fazenda, símbolo da riqueza do fazendeiro ou de sua ruína. Preso ao seu coração, a 180 quilômetros do Oceano Atlântico, a terra do Junco, afirma, é o espaço que “deveria andar antes de nascer e para lá que hei de voltar depois de morta, se por acaso sobrar de mim alguma coisa, além do triste corpo que a terra vai comer” (Ibidem, p. 132-134). Para saciar as curiosidades, a cronista escreve com mais enfoque na fazenda do Junco (Quixadá-CE) de propriedade de seus pais. Depois da partilha da herança, RQ ficou com uma pequena propriedade de terras nomeada de “Não me deixes”.

4.3 Nos anos 60, foi lançada mais uma seleta de crônicas *O brasileiro perplexo* (1963). Em “Terra”, Rachel escreve um desabafo sobre sua terra assim:

Chegam os amigos de visita pelo sertão e nos seus olhos leio o espanto e quando não é espanto pelo menos é estranheza: o que é que nos prenderá nesta secura e nesta rusticidade? Ou, nos meses que precedem a secura, os excessos dos invernos nordestinos, as águas torrenciais, os caminhos desfeitos, as várzeas alagadas, qualquer comunicação interrompida.

Tudo tão pobre. Tudo tão longe do conforto e da civilização, da boa cidade com as suas pompas e as suas obras. Aqui, a gente apenas tem o mínimo e até esse mínimo é chorado. (QUEIROZ, 1963, p. 7)

Com certeza é um de seus escritos mais curiosos sobre o sertão, que neste período nem paisagem há, de “mato zarolho”, casa rústica, instalações rudimentares, sem jardim, sem nada dos campos tradicionais além de outros mundos. Enfim: a caatinga é o bosque. A escritora fala que não há por que comparar com os encantos da cidade, pois no sertão não há encantos, “horizonte redondo e desnudo, o vento nordeste varrendo os ariscos”.

A crônica sugere que a escritora está na fazenda e escreve de lá. Neste sentido, há a presença de um “aqui” (sertão/NE) e o/um “lá” (vida urbano-litoral). E parte para outros recursos para justificar o seu afeto pela terra, isto é, remete ao mundo dos mistérios do amor telúrico do chão de Israel com tantas lutas em tantos milênios de anos.

Aqui tudo é diferente. Você vê falar em ovelhas – e evoca prados relvosos, os brancos carneirinhos redondos de lã. Mas as nossas ovelhas se confundem com as cabras e têm o pêlo vermelho e curto de cachorro-do-mato; verdade que os cordeirinhos são lindos.

E ainda não se falou no povo. Que não tem celeiros nem gordos rebanhos; só o parco feijão e as mãos de milho seco para virar o ano, no quarto do paiol, e os magros bodes, que é este o país dos bodes. (Ibidem, p. 9)

O texto segue entrelaçando a falta da materialidade com um despojamento do modo de viver. O interessante é que o que poderia ser uma crítica mordaz às diferenças socioeconômicas do Brasil, a crônica exalta a escassez do sertão como algo positivo. “Há um prazer áspero na permanente descoberta de quanto supérfluo a gente se sobrecarrega e de como é fácil a gente se despojar dele. É como tirar uma casca suja. Ou uma pele velha, seca, engelhada”. (Ibidem, p. 9)

O minimalismo, a carência de tudo, ao invés de ser depreciativa, para ela é um modo de vida contrário à lógica de acumulação de bens como prega o capitalismo.

Viver no dia-a-dia, sem conhecer ambição – mesmo porque não há o que se querer.

Tudo tão longe. Tão longe as solicitações. Por isso falei em pureza. Nem anúncios oferecendo, nem oportunidades de tentação. A pobreza é uma garantia. Falem em bezerro de ouro aqui, ninguém entende. Todo o ouro que se possui mal dá para os brincos levíssimos que as moças compram nas férias; nem para um dente de ouro dá. (Ibidem, p. 9)

Deixando a metafísica de lado, na crônica “Sertaneja”, do mesmo livro, ocorre uma comparação explícita dos dois mundos: o civilizado e o rústico. Ela, falando do Quixadá, conta que as estrelas não têm serventia no Rio de Janeiro. O sertão é local onde os “homens se preocupam mais com o céu que com a terra”.

Cearense nenhum é capaz de passar todo um dia sem estudar o céu, com angústia ou com alegria. Os torrões de nuvens. Os relâmpagos, os carregos de chuva e toda a rosa-dos-ventos: vento sul que é bom, vento norte que é perigoso, vento nordeste que é ruim como o diabo. (Ibidem, p. 117)

No decorrer, fala da importância da lua com suas infundáveis variações, das nuvens, dos relâmpagos, do trovão. Fala para um leitor que não sabe disso, ou que está distante deste mundo. Mas quem é esse leitor? Em especial a cronista se refere ao Rio de Janeiro, sua outra morada, onde habita a maioria de seus leitores.

4.4 No mapeamento das imagens do sertão, da fazenda, na coletânea *O caçador de tatu*, de 1967, Rachel, na crônica “Casa de Farinha”, se detém especificamente sobre essa atividade que é de fundamental importância para a economia sertaneja. No texto, o seu olhar arguto fecha o foco de modo mais detalhista para pormenorizar cada parte da casa de farinha: equipamentos, tarefas e funções envolvidas no processo de fabricação da farinha. A autora comprova a decadência dessa atividade que, mesmo sendo um espaço de diversão, já não atrai a atenção das pessoas, é vista como uma atividade “primitiva e obsoleta”, interessando somente às numerosas famílias que dispõem de mão-de-obra abundante e gratuita.

A massa das tarefas se distribui dentro da casa – as mulheres raspadeiras, as duas lavadeiras

de goma, os dois homens da roda, a cevadeira, o preneiro, as peneiradeiras, o forneiro, o carregador d'água, os meninos que levam as raízes ou massa de lugar para o outro – sem falar nos homens para arrancar a mandioca no roçado e os cambiteiros que andam com os jumentos a transportar a mandioca do roçado para a fábrica. (QUEIROZ, 1994, p. 48-49)

A cronista lembra que os fazendeiros mais ricos utilizam alguns equipamentos para facilitar e agilizar o processo. O texto acompanha a substituição da mão-de-obra humana por maquinaria e o aumento de preços da farinha ao consumidor. Diante da precariedade das casas de farinha tradicionais, ou mesmo do desaparecimento, a narradora comenta o já então comprovado aumento de preço do produto.

Aqui, a cronista trata de um “sertão que em parte deixara de existir”. Assim a casa de farinha é uma metonímia dessas transformações. Se aquele isolamento característico vai perdendo força diante do progresso (que substitui o trabalho braçal pela maquinaria), do êxodo rural, ou pelos meios de comunicação de massa, especialmente da entrada da TV como veículo que tenta uniformizar culturalmente o país pela ótica Rio/São Paulo. Encaro essa voz de sertaneja mais como uma espécie de testemunho do que se passava nas terras distantes do eixo sul-sudeste do Brasil.

4.5 Agora façamos um longo salto nas publicações. Em 1992, ela publica no livro *Terras áspers*, um longo texto intitulado “As terras áspers”, dissertando sobre o que é o NE. Até ficamos indagando se no final do século ainda seria pertinente esclarecer algo sobre a diversidade cultural brasileira, ainda permanecendo com o didatismo de antes, detalhando a terra, o homem, sua cultura. Dessa época temos a crônica “Terra no sangue”:

Essa ligação de amor que o nordestino tem com a sua terra... pensando bem, será mesmo de amor? Ou antes será só amor? Talvez maior e mais fundo, espécie de mágica entre o homem e o seu chão; a simbiose da terra com a gente. Vem na composição do sangue. Aquela terra salgada que já foi fundo do mar tem mesmo o gosto do nosso sangue.

[...]

E o que é aquela terra, afinal? Sertão e caatinga, uns montes de serras frescas, águas sazonais. Tudo que Deus botou ali foi regado. Até se poderia dizer que Deus foi sovina; mas felizmente

a gente sabe que, no caso, a qualidade vence a quantidade. Só as coisas preciosas se medem às gotas. O que é demais não tem valor.

Por mim eu digo: toda vez que o destino me fere mais duro, me maltrata mais fundo, é para lá que eu fujo. Me esconder, lamber as feridas. E se para lá não corro nas horas de triunfos, é porque triunfo, não os conheço só modestas alegrias; muito choradas e medidas. (QUEIROZ, 1993, p. 19-20).

Como sempre insiste em falar de sua terra, de seu Ceará, de seu sertão, a cronista Rachel do século XX é como aquela narradora benjaminiana que fala de sua experiência, lembrando um agricultor sedentário. Mesmo sendo ela uma boa viajante e escritora do século XX, a sua escrita regionalizada lembra os escritos do século XIX, ou seja, é uma escrita que ainda persiste em demarcar a diversidade da cultura brasileira que sofreu uma rápida transformação/massificação ao longo do século passado. Essa identificação profunda com sua terra sertaneja é a sua perspectiva de ver o Brasil.

Considerações finais

Ao se examinar o conjunto de crônicas que falam do sertão, posso confirmar que, além de uma simples proposta temática, a fala da cronista é uma voz de testemunho de um mundo em desaparecimento, de uma elite pensante oriunda do ambiente rural em ruínas. Ela faz uso da crônica como espaço de experimentação da forma, do estilo. Se a designação do que vem a ser uma crônica é fluída, para Rachel é um desafio, estimulado na constante busca de cativar, seduzir o leitor/a.

Visto que a sua escrita é extremamente simples, parece fácil acreditarmos que esse estilo despojado é pura facilidade, que não há uma elaboração, ou arquitetura textual, ou que os textos saem ao calor da hora sem grandes dificuldades, contudo, ao se analisar a construção do texto, os seus artifícios, percebe-se a preocupação com a linguagem das gentes, deste mundo descrito e/ou narrado. A espontaneidade com que tratar de sua região, de sua localidade expressa, enfim, a presença de um regionalismo, que como afirma a própria a cronista; “Não podemos nos esquecer que o Brasil rural era o Brasil intelectual. De certo modo, ainda somos relíquia do Brasil Império”, e esse Brasil permanece cheio de vitalidade na literatura brasileira.

Falar sobre as imagens, paisagens do sertão, é uma opção por dar notoriedade a esse mundo perdido, que sucumbe nas rápidas transformações do capitalismo. A escrita é para resistir. Conservar a fazenda “Não me deixes”, mesmo morando no Rio de Janeiro, é preservar a fonte fecunda de onde retira seus personagens, histórias, memórias e afetos. E é também uma opção política diante de uma cultura marcada pelo consumo desenfreado: “Só a paz, o silêncio, a preguiça. O ar fino da manhã, o café ralo, a perspectiva do dia inteiro sem compromisso nem pressa. Vez por outra um convidado chega, conta as novidades, bebe um caneco de água, ganha de novo a estrada.” (QUEIROZ, 1977, p. 47)

Referências

- ARRIGUCCI, Davi. Fragmentos sobre crônica. In: _____. *Enigma e comentário: ensaio sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-56.
- ARRIGUCCI, Davi. O sertão em surdina: ensaio sobre O quinze de Raquel de Queiroz. *Literatura e Sociedade: Revista de Teoria Literária e Literatura Comparada*. São Paulo, v. 1, n. 5, p. 108-118, 2000.
- ARROYO, Leonardo. *A cultura popular em Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.
- AZEVEDO, Sânzio de. *O modernismo na poesia cearense: primeiros tempos*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1995.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: OBRAS escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 197-221.
- CANDIDO, Antonio. *Educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literárias*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 23-29.
- CUNHA, Cecília Maria. Rachel antes do “Quinze”. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 11 nov. 1995. Caderno Sábado, p. 6.
- DE FRANCESCHI, Antônio F. (Org.). *Rachel de Queiroz*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997. (Cadernos de Literatura.).
- DIMAS, Antônio. Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo? *Revista Littera*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 12, p. 46-51, dez. 1974.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. 2. ed. rev. e ampl. Tradução de Sônia Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura: narrar ou descrever*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira: prosa de ficção - 1870-1920*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973.
- NOGUEIRA, Walnice. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- PORTELA, Eduardo (Org.). *Romance de 30*. Fortaleza: Edições UFC, 1983.
- QUEIROZ, Rachel. *100 crônicas escolhidas*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.
- QUEIROZ, Rachel. *O brasileiro perplexo*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1964.
- QUEIROZ, Rachel. *O caçador de tatu: 57 crônicas escolhidas*. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1994.
- QUEIROZ, Rachel. *Cenas brasileiras*. São Paulo: Ática, 2003.
- QUEIROZ, Rachel. *A donzela e Moura Torta: 45 crônicas escolhidas*. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1994.
- QUEIROZ, Rachel. *O homem e o tempo: 74 crônicas escolhidas*. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1995.

QUEIROZ, Rachel. *Melhores crônicas*. Seleção e prefácio Heloísa Buarque de Hollanda. São Paulo: Global, 2004. (Coleção Melhores Crônicas).

QUEIROZ, Rachel. *Rachel de Queiroz*. Apresentação e seleção de textos por Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Agir, 2005. (Coleção Nossos Clássicos).

QUEIROZ, Rachel. *As terras ásperas*: 96 crônicas escolhidas. São Paulo: Siciliano, 1993.

ROSA, Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1.

WEBER, João Ernesto. *Grande sertão*: veredas: Brasil. Palestra apresentada na disciplina Leitura Críticas/Literatura Brasileira: forma literária e processo social em três tempos: Machado, Graciliano e Guimarães Rosa no Curso de Pós-graduação em Teoria da Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Mimeografado.